

A fúria de Aquiles: A tradição e relevância na literatura latina da Antiguidade Tardia

The anger of Achilles: Its tradition and relevance in the Latin literature of Late Antiquity

William J. Dominik

Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, Portugal¹
williamjdominik@campus.ul.pt
Classics Programme, University of Otago, New Zealand
william.dominik@otago.ac.nz
<https://lisboa.academia.edu/WilliamJDominik>

Palavras-chave: fúria de Aquiles, recepção de Aquiles, literatura latina, Antiguidade Tardia.
Keywords: fury of Achilles, reception of Achilles, Latin literature, Late Antiquity.

A fúria de Aquiles, como sugere o título principal do presente estudo e do volume em que este se enquadra, é a característica mais proeminente daquele herói². Μῆνις (“fúria”), que é a primeira palavra do próemio da *Ilíada* (1.1) de Homero, é considerada o tema de toda a epopeia (cf. 1–7). A criação de um ideal heróico ao qual Aquiles corresponde deriva, em parte, do exemplo fornecido na *Ilíada* de certos tipos de modelos apropriados para um herói grego, particularmente aquele que visa alcançar a glória na batalha numa vida curta, em vez de uma existência longa, mas mundana (cf. *Ilíada* 9.410–416). Durante a Antiguidade

¹ Este estudo é financiado por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (FCT) no âmbito do projecto “Late Achilles in the classroom and court” (PTDC/LLT-LES/30930/2017) do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Versões mais curtas deste artigo foram apresentadas no congresso internacional “A fúria de Aquiles: As faces da Guerra” na Universidade de Aveiro em 30 de Setembro de 2022, e num Ciclo de Conferências sobre a Antiguidade titulado “Recepção de temas da Antiguidade na Antiguidade Tardia e no Renascimento” na Universidade Federal da Bahia em 18 de Novembro de 2022.

² Gostaria de exprimir o meu agradecimento à minha colega Ana Maria dos Santos Lóio (Universidade de Lisboa), ao meu cunhado Ubirajara de Oliveira Barroso Júnior (Universidade Federal da Bahia), e à minha esposa Najla Barroso Dominik (Academia de Letras e Artes do Salvador) por corrigirem e melhorarem a minha expressão portuguesa. Além disso, gostaria de agradecer à comissão científica de *Forma Breve* e especialmente ao árbitro anónimo pelas muitas sugestões úteis.

Tardia, o texto de Homero assumiu um papel significativo como texto didático e o leitor habituou-se a examiná-lo de diferentes perspectivas, o que implicou uma reavaliação das ações e da conduta de Aquiles, incluindo da sua fúria, na *Ilíada*. O perfil da figura de Aquiles em latim apresenta semelhanças e contrastes com a sua caracterização na literatura grega. Os estudiosos investigaram a recepção de Aquiles na literatura grega, mas deram menos atenção a Aquiles e ao seu papel na literatura latina, especialmente na literatura da Antiguidade Tardia³.

Tradições grega e romana

A recepção literária de Aquiles, que conheceu várias etapas, teve primeiro de percorrer um longo caminho desde a época de Homero até à Antiguidade Tardia. Os discursos de Aquiles revestem-se de assinalável relevância na poesia Greco-Latina, incluindo na épica, e são essenciais para definir não só o carácter daquela personagem, como aspectos importantes do seu tratamento poético. Na *Ilíada* de Homero, a fúria característica de Aquiles transmuta-se de forma natural em discursos que se salientam pela sua força emocional. Além disso, Aquiles faz mais discursos – oitenta e sete – do que qualquer outra figura da *Ilíada*⁴. O primeiro conjunto de discursos mostra Aquiles a descontrolar-se, insultando Agamémnon, e informando-o de que será morto se tentar apoderar-se de algo mais do que Briseida.

A segunda grande sequência de discursos de Aquiles acentua os seus sentimentos em relação à violação do código heróico por parte de Agamémnon. No prolongado discurso que dirige a Ulisses (*Ilíada* 9.308-429), Aquiles refere a perda do seu γέρας (“prémio”, 334, 344, 367). Para o herói, a perda do prémio representa a perda de τιμή (“honra”) e de κλέος (“glória”), valores nos quais o código heróico assenta. Quanto ao discurso final de Aquiles a Ajax, a emoção que sobressai é a raiva amarga (χόλω, 646) provocada pelo tratamento degradante (ἀσύφηλον, 648) do herói por parte de Agamémnon.

Os poetas cristãos da Antiguidade Tardia foram atraídos em particular pelo último conjunto de discursos da *Ilíada*, no qual se enquadra o diálogo de Aquiles com Príamo sobre a devolução do cadáver de Heitor (24.518-670). Neste contexto salientam-se dois aspectos: a tentativa de Aquiles, no famoso discurso de “dois jarros de Zeus” (cf. 527-533), de consolar Príamo (518-551); e a exibição da humanidade de Aquiles, embora permeada pela demonstração da raiva que Príamo lhe provoca (568-570).

³ Para discussões de Aquiles na literatura latina da Antiguidade Tardia, veja-se King, 1987, pp. 140-143, 158-170, 104-203, 228-229, cuja discussão é dedicada predominantemente a Díctis e Dares; Pavlovskis, 1965, que discute a educação de Aquiles; Parkes, 2005, que examina Aquiles no panegírico de Claudiano a Honório; e Cameron, 2009, que, para além de se concentrar no prato de Aquiles do tesouro de Kaiseraugst do século IV d.C., discute uma breve passagem do *Panegírico sobre o terceiro consulado de Honório Augusto*.

⁴ Para uma lista dos discursos de Aquiles e das outras figuras da *Ilíada*, veja-se a base de dados DICES (*Digital Initiative for Classics: Epic Speeches*) em <https://www.dices.uni-rostock.de/en/about-dices>.

Enquanto Aquiles parece ser, em geral, uma figura nobre e estimada nas obras de Homero, o herói também demonstra um lado menos exemplar do seu carácter quando, por exemplo, viola os códigos da civilidade heróica ao maltratar os cadáveres dos seus oponentes, como Licáon (cf., e.g., *Iliada* 21.120–135) e Heitor (cf., e.g., 22.395–404, 23.19–26, 24.12–137), sem permitir que recebam as sagradas honras fúnebres. Esta dimensão negativa na representação homérica de Aquiles repercute-se, em menor ou maior grau, na literatura subsequente, incluindo na literatura latina da Antiguidade Tardia.

No final do século V a.C. surge uma nova tendência, que se torna clara nas tragédias de Eurípidés: o tragediógrafo revela uma atitude negativa em relação à figura e ao legado de Aquiles. O contraste entre a representação de Aquiles na *Iliada* de Homero e nas peças de Eurípidés levanta questões sobre a transformação do seu carácter. A atitude negativa de Eurípidés representa um notável desvio na caracterização heróica de Aquiles, nomeadamente na peça *Ifigénia em Áulide*.

Na referida peça, Aquiles desempenha um papel muito prominente. Isto torna-se claro, à partida, pelo número de discursos que faz – quarenta e nove – mais concentrados na segunda metade da tragédia (pois só então Aquiles entra em cena). Ao saber que Agamémnon atraiu Ifigénia para Áulide com a intenção de a sacrificar – para apaziguar Ártemis, a fim de obter ventos favoráveis para navegar até Tróia –, Aquiles responde com a indignação e o orgulho que lhe conhecemos (cf. 899: “μέμφομαι κἀγὼ πόσει σῶ, κούχ ἀπλῶς οὔτω φέρω”, “Também queixo-me do teu marido; e não acho que pouco”; 919: “ὑψηλόφρων μοι θυμὸς αἴρεται πρόσω”, “O meu espírito altivo tem sofrido em grande agitação”). No relato de Eurípidés, contudo, o que é notável é o que motiva a raiva de Aquiles: o comportamento insultuoso de Agamémnon, ao não pedir a Aquiles que usasse o seu nome para ludibriar Ifigénia na sua trama (961–963), e não o pedido que efectivamente fez, ao qual ele teria acedido em nome da causa do exército grego (cf. 965–967). Esta resposta egoísta revela as carências morais de Aquiles e desvaloriza dramaticamente o ideal heróico representado por ele na *Iliada*.

A atitude depreciativa para com Aquiles como modelo heróico continuou entre os autores latinos, especialmente a partir do período augustano. O menosprezo de Aquiles por parte de Eurípidés, devido às suas crueldade e brutalidade, continua a ser um aspecto marcante da sua caracterização na literatura latina da era de Augusto, nas obras de Vergílio, Propércio, Ovídio e Horácio (e já o era em Catulo). Embora existam nos poemas de Catulo referências à grandeza de Aquiles como herói e, por exemplo, à sua coragem, na poesia de Ovídio e Horácio a principal característica dos discursos de Aquiles é uma raiva belicosa.

Na tradição latina, na sequência da depreciação eurípidiana do estatuto de Aquiles, este é maioritariamente considerado um assassino brutal. No poema 64, Catulo retrata Aquiles a cortar o inimigo como milho não maduro (353–355) e, quando Aquiles mata Políxena, trata-a à maneira de um inimigo, decapitando-a (361–370), em vez de a apunhalar, como sucedia em versões anteriores. Além disso, não há qualquer referência ao amor ou mesmo à vingança para redimir a bruta-

lidade de Aquiles nesta cena⁵. Semelhante imagem de Aquiles emerge da *Eneida* de Vergílio. Aquiles figura entre os que vandalizam a cidade de Tróia (e.g., *Eneida* 1.29–31, 456–458), num interessante contraste com a representação de Heitor pelos poetas latinos, que dele fazem o verdadeiro herói da Guerra de Tróia (e.g., Vergílio, *Eneida* 2.274–276; Ovídio, *Metamorfoses* 13.82–84; cf. Propércio 2.8.38).

Horácio exemplifica as várias perspectivas prevaletentes na literatura latina da época. Enquanto Horácio reconhece relutantemente o valor e a coragem de Aquiles (e.g. *Sátiras* 1.7.14–15, *Arte poética* 120), o aspecto negativo é dominante, com a ferocidade, a irascibilidade e a barbárie do herói a serem enfatizadas (*Sátiras* 1.7.12–13; *Arte poética* 121–122; *Epodos* 4.6.3–20, especialmente 17–20). Estas últimas qualidades são ressaltadas por outros poetas republicanos e imperiais, nomeadamente Catulo (64), Propércio (2.8.36, 38), Ovídio (*A arte de amar* 1.681–704) e Séneca (*Troianas*). Em Propércio, a dor de Aquiles enfurece-o e, depois de Briseida lhe ser restituída, ele é retratado arrastando Heitor atrelado à sua carruagem (2.8.35–38).

Nas *Metamorfoses* 12 de Ovídio, durante o duelo de Aquiles com Cicno, filho de Neptuno, o herói grego figura em quatro discursos que enfatizam a sua raiva belicosa. O discurso mais significativo ocorre em *Metamorfoses* 13, quando a sombra de Aquiles censura os gregos de forma ameaçadora, lembrando o desafio lançado a Aquiles por Agamémnon na *Ilíada*:

“inmemores” que “mei disceditis”, inquit “Achiui,
obrutaque est mecum uirtutis gratia nostrae?
ne facite! ut que meum non sit sine honore sepulcrum,
placet Achilleos mactata Polyxena manes¹”⁶.
(Ovídio, *Metamorfoses* 13.445–448⁷)

“Estais a partir, então, esquecendo-me, aqueus”, diz,
“e enterrou-se comigo a gratidão do meu valor?
Não façais isto! E para que o meu túmulo não fique sem honra,
Deixai Políxena ser sacrificada e assim apaziguar os manes de Aquiles”⁸.

Este discurso surge numa cena que parece inspirada na *Hécuba* de Eurípides. Tal como no drama de Eurípides (*Hécuba* 114–115; cf. 40–41), o que está em jogo, da perspectiva de Aquiles, é a honra que deve ser paga ao seu túmulo mediante o sacrifício de Políxena pelos gregos. O sentimento dominante expresso pela sombra de Aquiles, na reescrita deste discurso por Ovídio, é a mesma raiva egoísta e brutalidade feroz evidentes na versão de Eurípides.

⁵ Cf. King, 1987, pp. 177, 189.

⁶ A grande maioria dos textos latinos é citada da *Library of Latin Texts (LLT)* (Turnhout: Brepols) e está disponível em linha em <http://clt.brepols.net/llta/pages/QuickSearch.aspx> (acesso pago). Alterei as letras maiúsculas no início das frases para minúsculas; as consoantes “v” e “j” são impressas como “u” e “i”, enquanto “U” e “J” aparecem como “V” e “I”; e todos os nomes próprios são escritos com maiúsculas.

⁷ Ed. Anderson, 1981

⁸ Todas as traduções são minhas.

Nas *Troianas* de Séneca, o arauto grego Taltíbio relata o discurso da sombra de Aquiles exigindo o sacrifício de Políxena, que surge tanto na *Hécuba* de Eurípides como nas *Metamorfoses* de Ovídio. O discurso da sombra de Aquiles ocorre nas *Troianas*, tal como acontece na *Hécuba* de Eurípides, inserido num discurso mais amplo:

“ite, ite inertes, manibus meis debitos
auferte honores, soluite ingratas rates
per nostra ituri maria. non paruo luit
iras Achillis Graecia et magno luet:
desponsa nostris cineribus Polyxene
Pyrrhi manu mactetur et tumulum riget.”
(Séneca, *Troianas* 191-196⁹)

“Ide-vos, ide-vos, ociosos! Levai as honras devidas
Aos meus manes! Desancorai as naves ingratas,
vós que ides partir pelos nossos mares! A Grécia
pagou caro a ira de Aquiles e pagará ainda mais.
Que Políxena, desposada pelas minhas cinzas, seja
sacrificada pela mão de Pirro e regue o meu túmulo.”

Os principais motivos homéricos deste discurso, a honra e a ira, são evidentes tanto na versão euripidiana (*Hécuba* 114-115; cf. 40-41) como na versão ovidiana (*Metamorfoses* 13.445-448). Aparecem mais uma vez, mas com uma notável reviravolta, proporcionando assim um pequeno desvio, por assim dizer, no enquadramento de Aquiles no enredo. É que no relato dramático de Séneca ocorre que Políxena não deve apenas ser sacrificada para honrar o túmulo de Aquiles, mas para se casar com ele (*Troianas* 942-944; cf. 202, 361-365). Depois que Pirro mata Políxena (1154-1157), o *saeuus tumulus* (“túmulo selvagem”), que é sinónimo da sombra de Aquiles, imediatamente suga e bebe o seu sangue, numa exibição macabra de selvajaria perversa (1162-1164). Em nenhum lugar das *Troianas* a sombra de Aquiles faz menção do amor por Políxena, ou da vingança como motivação para exigir a morte de Políxena (cf. 347); em vez disso, ficamos com este único discurso da sombra de Aquiles, em que se alude ao sacrifício sangrento de Políxena no seu túmulo, que parece motivado por uma crueldade bárbara, inata, da sua parte.

Na *Ilíada latina*, um poema do período de Nero, há apenas um discurso de Aquiles, que se diz responder *ore truci* (“com boca selvagem”, 996) ao apelo de Heitor para devolver o seu corpo a Príamo:

“quid mea supplicibus temptas inflectere dictis
pectora, quern possem discerptum more ferarum,
si sineret natura, meis adsumere malis?
te uero tristesque ferae cunctaeque uolucres
diripient, avidosque canes tua uiscera pascent.

⁹ Ed. Peiper e Richter, 1902.

haec ex te capient Patrocli gaudia manes,
si sapiunt umbrae.”

(*Ilíada latina* 989–995¹⁰)

“Porque tentas dobrar o meu peito com palavras suplicantes,
tu que eu poderia, despedaçado à maneira das feras,
se me permitisse a natureza, devorar com meus dentes?
Na verdade, as feras sombrias e todas as aves te despedaçarão,
e as tuas vísceras alimentarão cães esfomeados.
De ti os manes de Pátroclo receberão essa alegria,
se as sombras tiverem sabedoria.”

A sugestão de Aquiles de que ele seria capaz de um tratamento antropofágico do cadáver de Heitor é reforçada pela narrativa subsequente, na qual confessa que a sua raiva ainda não estava saciada após a morte de Heitor (*animi nondum satiatus Achilles, Ilíada latina* 996). Aquiles não profere quaisquer palavras de consolo, como as que dirigiu a Príamo quando lhe devolveu o cadáver de Heitor na *Ilíada* (24.518–551). Aquiles ainda é *magnus* (“grande”, *Ilíada latina* 995), embora seja também *durus* (“duro”, 988), segundo a narrativa; e, nas palavras de Príamo, ele é o “mais corajoso da raça grega” (*Graiae gentis fortissime Achilles*, 1028), mas a sua característica definidora continua a ser a raiva.

No que respeita à poesia, um segundo grande desvio ocorre na incompleta *Aquileida* de Estácio (poeta do século I d. C.), epopeia na qual o herói epónimo se comporta como um amante. Esta qualidade de Aquiles é sugerida pela primeira vez, mas nunca desenvolvida, nas *Troianas* de Séneca, que, como foi referido acima, menciona diversas vezes o casamento (202, 361–365, 942–944). Na *Aquileida*, contudo, Estácio mantém o aspecto violento da personalidade de Aquiles na violação de Deidamia, filha do rei Licomedes de Ciro, mesmo quando o poeta retrata o herói como um travesti e como um amante.

Em termos da caracterização de Aquiles, o primeiro discurso directo da personagem é especialmente revelador. Depois de violar Deidamia (*Aquileida* 1.642–643), o que a leva a chorar (645), Aquiles dirige-lhe as seguintes palavras:

“ille ego (quid trepidas?) genitum quem caerula mater
paene Iovi siluis niuibusque inmisit alendum
Thessalicis. nec ego hos cultus aut foeda subissem
tegmina, ni primo te uisa in litore: cessi
te propter, tibi pensa manu, tibi mollia gesto
tympana. quid defles magno nurus addita ponto?
quid gemis ingentes caelo paritura nepotes?
sed pater -: ante igni ferro que excisa iacebit
Scyros et in tumidas ibunt haec uersa procellas
moenia, quam saeuo mea tu conubia pendas
funere: non adeo parebimus omnia matri.”¹¹

¹⁰ Ed. Baehrens, 1881.

¹¹ Ed. Marastoni, 1974.

[uade sed ereptum celes taceas que pudorem¹².]
Estácio, *Aquileida* 1.650–660)

“Eu sou aquele – porque tens medo? – que a minha mãe verde-mar quase deu à luz para Jove e enviou para o bosque e para a neve tessálios para ser criado. Nem teria suportado este vestido e roupas vergonhosas, se eu não te tivesse visto primeiro à beira-mar. Cedi por tua conta; para ti giro lâ na minha mão e toco pandeiros femininos. Porque choras quando és considerada nora do grande mar? Porque gemes, tu que darás à luz netos poderosos para o céu? Quanto ao teu pai, Ciros será destruída pelo fogo e pela espada e estes muros serão derrubados e arrasados por tempestades inchadas antes que sofras com uma morte cruel por causa do nosso casamento. Não sou inteiramente obediente à minha mãe.”
[Vai, esconde-te e nada reveles sobre a honra que te arrebatei.]

Notável neste trecho é não apenas a ausência de empatia por parte de Aquiles relativamente a Deidamia, violada por ele, mas também a ênfase egocêntrica do herói na sua própria linhagem. Tais referências são características dos heróis homéricos, incluindo de Aquiles (cf. *Ilíada* 21.187–189), no campo de batalha¹³; de modo diferente, neste discurso Aquiles vangloria-se da sua genealogia perante a mulher que violou. Mais tarde, quando Aquiles se dirige ao rei Licomedes (*Aquileida* 1.892–908, 909–910) e lhe pede que aceite a situação, o herói grego volta a salientar a sua ascendência (892–899).

Pouco antes do discurso de Aquiles a Licomedes, a identidade de Aquiles é exposta porque este é atraído pelo escudo e pela lança constantes entre os presentes oferecidos às filhas do rei por Ulisses (1.866–882). Deidamia deixa escapar um gemido quando o ardil é descoberto (885–886), após o que Aquiles se detém e, nas palavras da narrativa, *occulto uirtus infracta calore est* (“a coragem cedeu à paixão oculta”, 888). Esta é a parte da *Aquileida* onde há um desvio na representação de Aquiles, que se apresenta como amante, não apenas na qualidade de guerreiro feroz.

Nas palavras apaziguadoras que dirige a Licomedes no discurso supramencionado (1.892–908, 909–910), Aquiles sugere mesmo estar disposto a pôr de lado as suas armas e permanecer em Ciros: *me luere ista iube; pono arma et reddo Pelasgis et maneo* (“Ordena-me que eu expie isto; ponho as minhas armas no chão, devolvo-as aos Pelasgianos, e permanecerei”, 906–907). Estes versos sugerem, numa primeira leitura, que Aquiles está, no mínimo, disposto a permanecer em Ciros com Deidamia, em vez de prosseguir o seu papel tradicional de guerreiro feroz destinado a experimentar a glória no campo de batalha antes de uma morte prematura.

¹² Verso espúrio ausente na maioria dos manuscritos da *Aquileida*.

¹³ Heslin, 2005, p. 165; Edwards, 1991, pp. 313–316, ad *Ilíada* 20.200–258.

Antiguidade Tardia

Na literatura latina da Antiguidade Tardia, entre 200 e 800 d.C., registam-se cerca de setecentas referências ao nome de Aquiles, em cento e quarenta autores e ainda em obras de autores desconhecidos¹⁴. O tratamento literário destes temas ilustra a resiliência da cultura clássica na Antiguidade Tardia; e não estão em causa apenas a sala de aula e a corte imperial, mas também aspectos da perspectiva cristã sobre Aquiles.

A imagem de Aquiles no final da antiguidade foi moldada não só pela longa tradição grega que remonta à época de Homero, mas também por autores latinos dos períodos Republicano e Imperial. Os poetas latinos que fazem referências significativas a Aquiles incluem Ausónio e Claudiano, no século IV d.C., e Sidónio Apolinar e Merobaudes, no século V d.C. Neste contexto, mesmo quando Aquiles não é mencionado de forma específica ou mediante uma perífrase, surge no pano de fundo de alguns poemas – por exemplo, os de Sidónio Apolinar, Draçônio e Coripo, que floresceram nos séculos IV, V e VI d.C., respectivamente – por meio de referências intertextuais à *Aquileida* que evocam a memória da vida e dos feitos do herói.

O papel de Aquiles na cultura romana durante a Antiguidade Tardia ilustra que o herói era visto como uma figura tanto positiva como negativa, e que a ambivalência da sua representação na literatura é omnipresente. Quando Aquiles é retratado positivamente pelos autores latinos da Antiguidade Tardia, ou seja, quando ele é apresentado como um exemplo do tipo de comportamento que promove os valores das classes de elite, a sua caracterização geralmente omite ou minimiza aspectos do seu carácter que são retratados negativamente por escritores para quem ele é um exemplo do tipo de comportamento que deve ser evitado. A partir dos comentários ambivalentes destes autores, é evidente que Aquiles teve de ser abordado com particular cautela para poder servir de modelo para os alunos.

A *História da queda de Troia* de Dares e a *Efeméride da guerra de Troia* de Díctis, dos séculos V e IV d.C., respectivamente, são geralmente encarados como exemplos positivos e negativos da caracterização de Aquiles na Antiguidade Tardia. Aquiles é retratado de forma muito mais favorável, ainda que ambivalente, na *História da queda de Tróia* de Dares do que na *Efeméride da guerra de Tróia* de Díctis. Na narrativa de Dares, Aquiles é descrito como *in armis acerrimum* (“extremamente feroz na guerra”, *História da queda de Tróia* 13) mas *clementem* (“misericordioso”, “compassivo”, 13), e o seu famoso temperamento é omitido.

A caracterização de Aquiles na *Efeméride da guerra de Tróia* de Díctis reflecte um preconceito contra a elite ou contra os valores de classe alta, incluindo os valores de Aquiles: a sua bravura é simplesmente mencionada, enquanto as suas irascibilidade, temeridade, ferocidade e crueldade são realçadas. Segundo palavras atribuídas a Ulisses, a queda de Aquiles é devida à sua *inconsulta temeritas*

¹⁴ Estes números são baseados numa pesquisa feita em *Library of Latin Texts (LLT)* (Turnhout: Brepols), acessível em linha em <http://clt.brepols.net/llta/pages/QuickSearch.aspx> (acesso pago).

(“temeridade insensata”, *Efeméride da guerra de Troia* 4.11). Na narrativa de Díctis, a paixão de Aquiles por Políxena e a dor pela morte de Pátroclo levam-no em algumas ocasiões a perpetrar actos cruéis contra os troianos e mesmo a usar de violência até contra os seus companheiros gregos.

A incapacidade de Aquiles de controlar as suas paixões na *Efeméride da guerra de Tróia* é característica da sua representação noutras obras da Antiguidade Tardia, especialmente nas de autores cristãos, para os quais existe uma forte mensagem moral e ética. Tanto os aspectos negativos como os aspectos favoráveis de Aquiles nas narrativas de Díctis e Dares não só são coerentes com os que emergem noutros textos latinos da época, como também estão ligados às aspirações da elite romana e aos valores enfatizados pelos autores cristãos.

Os autores cristãos e os filósofos trabalhavam habitualmente heróis como Ulisses, Teseu, Hércules e Aquiles e adaptaram os mitos que os envolviam às suas alegorias e analogias. Figuras como Ulisses e Teseu apelavam mais naturalmente a um público cristão. Hércules mereceu uma interpretação filosófica por parte dos filósofos estoicos e dos neoplatónicos, enquanto Aquiles foi um herói problemático para os autores cristãos e para os filósofos. Um aspecto problemático do emprego da figura de Aquiles diz respeito à sua relação com os ideais cristãos. Na Antiguidade Tardia, a função de aculturação desempenhada pela *paideia* implicava transmissão de atitudes cristãs, de crenças e de valores morais e éticos. Estas atitudes, crenças e valores eram essenciais para o modo como a elite política romana se representava, para a manutenção da sua auto-identidade, e para o estabelecimento da sua autoridade cultural. A tais atitudes, crenças e valores junta-se o conceito de *Romanitas* (“Romanidade”), palavra que aparece pela primeira vez, na literatura que chegou até nós, no texto *O Pálio* (4.1) do teólogo cristão primitivo Tertuliano.

Na Antiguidade Tardia, os valores da elite política e da igreja cristã foram desenvolvidos por um sistema de educação urbana que promoveu o conhecimento da tradição clássica e dos seus autores canónicos. O sistema – tanto formal como informal – foi concebido não só para moldar e perpetuar o comportamento das elites, mas também para consolidar, e mesmo impor, o papel hegemónico das classes altas a outros grupos sociais na sociedade romana. Os temas que envolviam Aquiles serviram como estudos de caso, por assim dizer, sobre, entre outros aspectos, a importância da argumentação racional, a necessidade de controlar as emoções e as paixões, e os modos apropriados de agir e de se apresentar. Narrativas das palavras e acções que faziam parte do mito de Aquiles surgiram nas obras dos autores cristãos para servir de exemplo do tipo de conduta que era considerada apropriada ou imprópria para os fiéis cristãos – fenómeno a que se poderia chamar *speculum iusti* ou *speculum peccatoris*, respectivamente.

Romulea 9 de Dracôncio é um exercício escolar, mas assume um significado mais amplo como obra de um autor cristão. Na reescrita da cena do resgate na *Ilíada* 24 de Homero, Dracôncio refere-se a questões cristãs que envolvem a alma e o corpo. *Romulea* 9 constitui um apelo a Aquiles para que ponha de parte a sua raiva, desista da sua vingança, demonstre compaixão e devolva o corpo de Heitor aos seus pais. O orador anónimo argumenta que Aquiles chegará ao mesmo sítio que a alma que descreve, se o herói concordar em devolver o corpo de Heitor:

aduenturus eris, pietas si sancta manebit
corpore belligero, si non crudelis in hoste
post uitam morientis eris, si inmitis Achilles
nec post bella manes nec spectant funera poenas
arbitrio subiecta tuo, si parcitur umbris,
quaesitor quas torquet auus, si uera feruntur.

(Dracôncio, *Romulea* 9.31–36¹⁵)

Alcançá-los-ás, se uma santa piedade habitar o teu corpo
guerreiro, se não fores cruel com o inimigo que
perdeu a sua vida, se não permaneceres o feroz Aquiles
depois da guerra, se os mortos sujeitos ao teu poder
não forem punidos, e se poupares as sombras que
o antepassado, como juiz, tortura, se é verdade o que dizem.

As características de Aquiles a que se alude são as suas tradicionais crueldade e ferocidade bélicas, qualidades que estão associadas à desumanidade e à impiedade, enquanto ele é encorajado a mostrar as qualidades de piedade e de compaixão para com a família de Heitor. O objectivo do orador é suprimir a *hubris* de Aquiles, para que ele não continue a descarregar a raiva sobre o inimigo. A devolução, por parte de Aquiles, do cadáver de Heitor a Andrómaca e a Políxena para o enterro representaria um acto de piedade, perdão e humanidade. Há uma ressonância distintamente cristã nesta passagem e na *suasoria* como um todo, especialmente no que diz respeito às qualidades acima mencionadas – que é importante para Aquiles mostrar para com o inimigo –, mas também nas referências ao desmembramento do cadáver de Heitor, por parte de Aquiles, que fazem lembrar a mutilação e a laceração dos corpos dos fiéis cristãos na obra *O Livro das coroas* de Prudêncio, produzida por volta do ano 400 d.C.

Na *suasoria* de Dracôncio, Aquiles é meramente incentivado a devolver o corpo de Heitor à família troiana enlutada. Noutros locais, a crítica a Aquiles e às suas acções é directa, ainda que breve, como no seguinte dístico da *Antologia latina*:

In Achillem

inprobe distractor, pretium si poscere nesses,
non traheres +quod pundus erat+

(*Antologia latina* 150¹⁶)

Contra Aquiles

Desmembrador perverso [Aquiles], se soubesses como exigir
o seu valor real, não arrastarias o que valia o seu peso em ouro.

Neste passo, Aquiles é condenado especificamente por causa do tratamento violento e da profanação do corpo de Heitor. O trecho também parece questionar – talvez numa veia sardonicamente humorística – a inteligência de Aquiles, já que maltrata, intencionalmente, o cadáver de Heitor, e é depreciado por esse motivo.

¹⁵ Ed. Vollmer, 1914.

¹⁶ Ed. Kay, 2006.

Figuras e mitos clássicos foram utilizados tanto por autores cristãos como por autores pagãos como *exempla*, quer positivos, quer negativos, e a fronteira entre o pagão e o religioso esbate-se frequentemente. No caso de Aquiles, tratava-se de um herói pagão que a Igreja se esforçou por adaptar de forma algo incómoda a um contexto cristão. Autores cristãos, tal como os estóicos que os precederam, criticaram especialmente as paixões violentas de Aquiles e a sua dificuldade em controlar as emoções, embora reconhecessem as suas qualidades médicas. Claudiano, nos poemas menores (*Carmina minora*), sugere que Aquiles exibe uma dualidade oximorónica ao ocupar-se da cicatrização de Télefo, a quem tinha antigido com uma lança:

sanus Achilleis remeaut Telephus herbis,
cuius pertulerat uires, et sensit in uno
letalem placidamque manum: medicina per hostem
contigit, et pepulit quos fecerat ipse dolores.
Claudiano, *Carmina minora* 22.45–48¹⁷)

Curado pelas ervas de Aquiles regressou Télefo, que tinha restaurado as suas forças, e sentiu num só homem [Aquiles] mão mortífera e curativa. A cura por meio do inimigo o alcançou e expulsou-lhe as dores o próprio homem que as tinha infligido.

Neste trecho exemplifica-se a natureza dupla de Aquiles, capaz tanto de ferir como de curar. As capacidades e as acções de Aquiles reflectem a dualidade do seu mestre Quíron, figura compósita, emblemática da cultura civilizada e da bestialidade primitiva. Nos textos latinos da Antiguidade Tardia, Aquiles é um herói complexo que é retratado quer envolvendo-se em actividades culturais e médicas, quer praticando actos mortíferos e vingativos ou desafiando as fronteiras tradicionais que existiam entre os géneros, como se verifica no tratamento do travestimento de Aquiles no *Pálio* de Tertuliano.

Com base nos textos latinos sobreviventes da Antiguidade Tardia, é evidente que a elite política romana em ascensão estudou a figura de Aquiles como um modelo, tanto positivo como negativo, para o exercício do poder, incluindo tanto o proveito a retirar do seu exercício benéfico como a destruição que poderia resultar do seu mau uso. Poetas como Ausónio e Claudiano – atravessando, este último, a fronteira entre o cristianismo e o paganismo – tratam Aquiles ainda como um herói dotado de qualidades inerentes ao conceito de *mos maiorum* consideradas essenciais pela elite romana para manter o seu estatuto social e a sua posição na sociedade da Antiguidade Tardia.

Sidónio Apolinar, poeta latino e epistológrafo do século V d.C., ilustra bem como um membro da classe alta romana podia exhibir os conhecimentos clássicos que tinha adquirido como resultado da sua *paideia* – no caso de Sidónio, apesar de ter sido criado como cristão e ter servido mais tarde como Bispo de Clermont (480 d.C.). Alusões aos autores gregos e romanos e aos vários acontecimentos e

¹⁷ Ed. Hall, 1985.

personagens mitológicos, incluindo Aquiles, figuram na poesia e nas epístolas de Sidónio. Tanto os poetas pagãos como os cristãos compararam os seus imperadores e outras figuras imperiais com Aquiles. As qualidades ambivalentes de Aquiles como herói e como modelo das ideias cristãs pela negativa tornam-se claras em vários *exempla* e comparações com figuras políticas e militares da Antiguidade Tardia.

Na literatura latina tardia, Aquiles foi usado como herói mitológico de referência para a avaliação dos feitos e das virtudes de figuras públicas de elite, e não apenas do imperador. É de salientar a comparação que ocorre quando o poeta épico Coripo celebra em *João (Iohannis)*, ou *Das guerras Líbicas*, as façanhas militares do general bizantino João Troglita contra os mouros, em África (533–538 d.C.), na quarta década do século VI d.C. Coripo compara a habilidade marcial e a força do chefe mouro Cusina com as de Adónis e de Aquiles:

hos sequitur fidus, densa stipante caterua,
Cusina Massylis deducens agmina signis.
ille animo Romanus erat, nec sanguine longe,
moribus ornatus placidis, grauitate Latina.
non illum aequiperans iaculis aut uiribus esset
uel Veneri dilectus Adon, uel fortis Achilles.
(Coripo, *Iohannis* 4.509–514¹⁸)

Fiel Cusina seguiu-os com uma multidão compacta,
liderando as suas tropas sob os signos massilianos.
Ele era um romano de espírito e não estava longe de ser um de sangue,
dotado de um comportamento tranquilo e de uma dignidade latina.
Nem Adónis, amado de Vénus, nem o corajoso Aquiles,
podiam igualá-lo no manejo da lança ou na força física.

Neste trecho, Cusina, defensora da causa romana, é considerada superior a Aquiles (e Adónis) em força e na utilização do dardo de arremesso (4.513–514). Este é um exemplo típico de uma figura política ou militar que é identificada não apenas como sendo igual a Aquiles, mas até superior a ele.

A atribuição a Aquiles, por parte de Coripo, de capacidade inferior no uso da lança em comparação com Cusina é exactamente o oposto do que é sugerido por Ausónio:

si tendi facilis cuiquam fuit arcus Vlixei
aut praeter dominum uibrabilis ornus Achilli,
nos quoque tam longo Rhamnusia foedere soluet!
(Ausónio, *O livro de epístolas* 27.107–9¹⁹)

Se fosse fácil para qualquer um tender o arco de Ulisses ou se
a lança de Aquiles pudesse ser brandida por outro que não o seu senhor,
então a rainha ramnusiana poderia libertar-nos de um pacto tão longo!

¹⁸ Ed. Mazzucchelli, 1820.

¹⁹ Ed. Prete, 1978.

Aqui Ausônio alude implicitamente à letalidade da lança de Aquiles e à força requerida pelo seu portador para a empunhar.

Em *Iohannis* Coripo refere-se a Aquiles como *saeuus* (“cruel”, *praef.* 7.1.178) e *fortis* (“valente”, *praef.* 11; 1.190; 4.514, 802). Enquanto Aquiles é caracterizado como *saeuus* quando arrasta o cadáver de Heitor atrelado à sua carruagem (1.178–179), ele é descrito como *fortis* quando o exército troiano foge diante dele (4.802). Estas referências reflectem a ambiguidade da caracterização de Aquiles na literatura latina da Antiguidade Tardia. Enquanto Coripo descreve Aquiles como inferior a Cusina em força e habilidade marcial, o que põe em causa a reputação do aqueu como eminente guerreiro grego, o carácter irascível e a conduta de Aquiles são geralmente considerados inadequados para um imperador ou um comandante militar. Mesmo assim, a reputação de Aquiles como um guerreiro feroz parece ter sintetizado, ainda que paradoxalmente, o tipo de carácter forte que apelou à elite na sua luta por manter a supremacia romana face aos vizinhos bárbaros.

Apesar da importância da compaixão e da contenção nos textos latinos da Antiguidade Tardia, as descrições da *seueritas* (“dureza”) de Constantino em *Panegíricos latinos* 6 (310 d.C.), da autoria de um orador anónimo, são didácticas e protrépticas: enfatizam a necessidade de demonstrar aquela qualidade contra os inimigos em vez de *clementia* (“clemência”, “misericórdia”, “compaixão”), quando as circunstâncias o exigem (e.g., *Panegíricos latinos* 6.10.1–6.13.5). Uma descrição semelhante ocorre no poema de Claudiano sobre o consulado de Estilício, que narra as campanhas do comandante contra os visigodos e os bastarnas:

quis enim Visos in plaustra feroces
 repulit aut saeua Promoti caede tumentes
 Bastarnas una potuit delere ruina?
 Pallantis iugulum Turno moriente piauit
 Aeneas, tractus que rotis ultricibus Hector
 irato uindicta fuit uel quaestus Achilli:
 tu neque uesano raptas uenalia curru
 funera nec uanam corpus meditaris in unum
 saeuitiam: turmas equitum peditum que cateruas
 hostiles que globos tumulo prosternis amici:
 inferiis gens tota datur. nec Mulciber auctor
 mendacis clipei fabricata que uatibus arma
 conatus iuere tuos: tot barbara solus
 milia iam pridem miseram uastantia Thracen
 finibus exiguae uallis conclusa tenebas.
 (Claudiano, *Do consulado de Estilício* 1.94–108²⁰)

Quem mais poderia realmente ter repellido os visigodos feroces
 para as suas carruagens ou ter destruído num massacre cruel
 os bastarnas inchados de orgulho com a morte de Promoto?
 Eneias vingou o massacre de Palas através da morte
 de Turno. Heitor, arrastado pela vingativa carruagem,

²⁰ Ed. Hall, 1985.

foi vingança ou ganho para o furioso Aquiles.
 Quanto a ti [Estilicão], não arrastas corpos numa carruagem louca
 para pedir resgate, nem planeias crueldade insensata contra um
 único cadáver: espalhas diante do túmulo de um amigo esquadrões
 inteiros de cavalaria, companhias de soldados rasos e multidões inimigas.
 Uma nação inteira é despachada para as regiões inferiores. Nem Vulcano,
 forjador do enganador escudo, nem as armas forjadas serem
 cantadas por poetas, ajudaram os teus esforços: sozinho retiveste,
 fechados nos limites da estreita vala, os incontáveis arsenais
 bárbaros que há muito tempo assolaram a miserável Trácia.

Como ocorre na descrição em *Panegíricos latinos* 6 da *seueritas* (“dureza”, 6.10.1–6.13.5) de Constantino, Claudiano sugere que se deve elogiar o comandante Estilicão por ter massacrado o exército de hordas bárbaras como vingança pelo assassinato de Promoto, a quem Estilicão tinha sucedido (399 d.C.). Tal como Coripo retrata Cusina como superior a Aquiles em força e no uso da lança em *Iohannis* (4.513–514), também aqui Claudiano caracteriza Estilicão como sendo superior a Aquiles (e Eneias) ao não se limitar a vingar o erro de um único oponente matando-o, mas sim aniquilar uma nação inteira e as suas forças de combate sem a ajuda de um único deus, como Vulcano, que forjou escudos e armaduras para Aquiles (e Eneias). Claudiano menospreza Aquiles, considerando-o louco – note-se a hipálage *uesano . . . curru* (“carruagem insana”, *Do consulado de Estilicão* 1.100) –, mercenário (*uenalia . . . funera*, “corpos para pedir resgate”) e selvagem (*uanam . . . saeuitiam*, “massacre cruel”, 95), enquanto o poeta elogia as façanhas de Estilicão (1.94–95), que repeliu os visigodos e cometeu uma matança ainda pior dos bastarnas, acções celebradas como prova da sua bravura militar. A referência à venalidade de Aquiles faz lembrar *Anthologia latina* 150, que critica Aquiles pela sua crueldade ao mutilar e desvalorizar o cadáver de Heitor.

A viragem do século V d.C. testemunhou a crescente cristianização da corte imperial e da ingerência imperial em assuntos religiosos sob Honório, sucessor de Teodósio na parte ocidental do império. Claudiano andou numa corda bamba entre as duas tradições do paganismo e do cristianismo, como se verifica na sua carreira anterior como poeta pagão e no seu percurso posterior, como propagandista de Honório. Na qualidade de aliado de Teodósio I, empenhado cristão, e sogro de Honório, Estilicão parece, pelo menos nominalmente, ter sido um adepto do cristianismo. Ao mostrar que Estilicão é superior em termos marciais a Aquiles e ao sublinhar os vícios deste último, Claudiano oblitera potencialmente um herói clássico e as suas façanhas com um *laudandus* cristão contemporâneo e um exemplo paradoxal. Como se pode ver no passo que compara Estilicão e Aquiles, os aspectos culturais e marciais não são incompatíveis quando se considera o significado e a relevância do perfil literário de Aquiles para as tentativas da elite, na Antiguidade Tardia, de definirem o seu estatuto, de se capacitarem, de defenderem a sua posição, e de transmitirem os seus valores na sociedade romana pela vastidão do império.

Referências bibliográficas

- Anderson, W. S. (ed.) (1981). *P. Ovidii Nasonis Metamorphoses*. Stuttgart e Leipzig: Teubner.
- Baehrens, E. (1881). (ed.) *Poetae latini minores*, vol. III. Leipzig: Teubner.
- Cameron, A. (2009). Young Achilles in the Roman world. *Journal of Roman Studies*, 99: 1–22.
- Edwards, M. W. (ed.) (1991). *The Iliad: A commentary*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hall, J. B. (ed.) (1985). *Claudii Claudiani carmina*. Leipzig: Teubner.
- Heslin, P. (2005). *The transvestite Achilles: Gender and genre in Statius' Achilleid*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kay, N. M. (ed. e trad.) (2006). *Epigrams from the Anthologia latina: Text, translation and commentary*. London: Duckworth, 2006.
- King, K. C. (1987). *Achilles: Paradigms of the war hero from Homer to the Middle Ages*. Berkeley: University of California.
- Marastoni, A. (ed.) (1974) *P. Papini Stati Achilleis*. Leipzig: Teubner.
- Mazzucchelli, P. (ed.) (1820). *Flavii Cresconii Corippi Iohannidos seu De bellis Libycis libri VII* (Milan: Mediolani).
- Parke, R. (2005). Model youths? Achilles and Parthenopaeus in Claudian's Third and Fourth consulships of Honorius. *Illinois Classical Studies*, 30, 67–82.
- Pavlovskis, Z. (1965). The education of Achilles, as treated in the literature of Late Antiquity. *La Parola del Passato*, 20, 281–297.
- Peiper R. e Richter, R. (eds.) (1902). *L. Annaei Senecae tragoediae*. Leipzig: Teubner.
- Prete, S. (ed.) (1978). *Decimi Magni Ausonii opuscula*. Leipzig: Teubner.
- Vollmer, F. (ed.) (1914). *Poetae latini minores*, vol. VI. Leipzig: Teubner.

Resumo

A fúria de Aquiles é a característica mais proeminente da sua personalidade. Μῆνις (“fúria”), que é a primeira palavra do proêmio da *Iliada* de Homero, é apresentada como tema de toda a epopeia (cf. 1–7). A recepção de Aquiles nas literaturas grega e latina conheceu uma série de etapas desde Homero até à Antiguidade Tardia. Durante a Antiguidade Tardia, o texto de Homero assumiu um papel significativo como texto didático, e o leitor habituou-se a examiná-lo de diferentes perspectivas, o que implicou uma reavaliação das ações e da conduta de Aquiles, incluindo a sua fúria. O papel de Aquiles na cultura e na literatura latinas durante a Antiguidade Tardia ilustra que ele funcionou tanto como *exemplum* positivo como negativo. Esta ambivalência da sua representação literária é omnipresente na literatura latina da Antiguidade Tardia. Em alguns relatos das ações e palavras de Aquiles, o seu famoso temperamento está ausente; em outros textos, as suas irascibilidade e crueldade estão sublinhadas; e em outros ainda, o uso da violência é retratado tanto negativamente como positivamente por autores latinos, por vezes até pelo mesmo autor. Tanto os aspectos favoráveis como negativos de Aquiles e a sua fúria que aparecem nas obras da Antiguidade Tardia são ligados às aspirações da elite romana e aos valores enfatizados pelos autores cristãos. Aquiles é utilizado como modelo favorável e até mesmo como contraste negativo para o imperador ou para o seu representante quando ele enfrenta o inimigo. Apesar do irascível carácter e da conduta de Aquiles serem vistos negativamente em termos cristãos, a sua reputação como guerreiro feroz parece ter sintetizado, ainda que paradoxalmente, o tipo de carácter forte que apelou à elite romana na luta por manter a sua ascendência, face aos confrontos militares e políticos com os vizinhos bárbaros.

Abstract

The anger of Achilles is the most prominent characteristic of his personality. Μῆνις (“anger”), which is the first word of the proem of Homer's *Iliad*, is mentioned as being the theme of the entire poem (cf. 1–7). The reception of Achilles in Greek and Roman literature had a number of stages to go through from Homer to Late Antiquity, during which Homer's text assumed

a significant role as a didactic text and the reader was educated to examine it from different perspectives, which involved a reassessment of Achilles' actions and conduct, including his anger. Achilles' role in Roman culture and literature during Late Antiquity illustrates that he functioned as both positive and negative *exempla*. This literary ambivalence of his representation is omnipresent in Late Antique Latin literature. In some accounts of Achilles' actions and words, his famous temper is absent; in other texts, his irascibility and cruelty are stressed; and in yet others his use of violence is portrayed both negatively and positively by Latin writers, sometimes by the same author. Both the favourable and negative aspects of Achilles and his anger that appear in Late Antique Latin works are linked to the aspirations of the Roman elite and the values emphasized by Christian writers. Achilles is employed as a favourable model and even as a negative foil for the emperor or one of his representatives when he confronts the enemy. Despite aspects of Achilles' irascible character and conduct being viewed negatively in Christian terms, his reputation as a fierce warrior seems to have encapsulated, if somewhat paradoxically, the type of strong character that appealed to the Roman elite in the struggle to maintain their ascendancy in the face of military and political confrontations with their barbarian neighbours.